

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

ICESPI

RAFAEL DA SILVA OLIVEIRA

**A ANÁLISE DA RACIONALIDADE NA SEGUNDA PARTE DO DISCURSO DO
MÉTODO DE DESCARTES**

Teresina

2015

RAFAEL DA SILVA OLIVEIRA

A ANÁLISE DA RACIONALIDADE NA SEGUNDA PARTE DO DISCURSO DO
MÉTODO DE DESCARTES

A ANÁLISE DA RACIONALIDADE NA SEGUNDA PARTE DO DISCURSO DO
MÉTODO DE DESCARTES

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
curso de Filosofia do Instituto Católico de Estudos
Superiores do Piauí como pré-requisito para
obtenção do curso de filosofia.

Data de aprovação: ____ de ____ de 2015

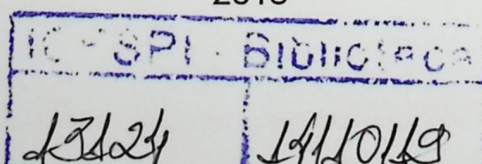
Professor (a) Supervisor(a)

cod. 5215
100
048a
Ed. 02

Professor (a) Examinador

Teresina

2015



Rafael da Silva Oliveira

**A ANÁLISE DA RACIONALIDADE NA SEGUNDA PARTE DO DISCURSO DO
MÉTODO DE DESCARTES**

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Curso de Filosofia

Orientador

Data de aprovação: ____ de _____ de 2015

Professor (a) Examinador

Professor (a) Examinador

“O bom senso é coisa do mundo melhor partilhada, pois cada qual pensa estar provido dele, que mesmo os que são mais difíceis de contentar em qualquer outra coisa não costumam desejar tê-lo mais do que o têm”.

RESUMO

O presente trabalho trata da questão do conhecimento do método cartesiano na investigação filosófica, analisando a segunda parte do discurso do método, tendo grande relevância para a filosofia moderna por trazer a interpretação da teoria do conhecimento de Descartes. Este presente estudo tem como objetivo analisar fontes bibliográficas e comparativas sobre o que é a racionalidade em Descartes em relação à segunda parte do discurso do método, identificando os meios racionais tanto na Idade Moderna, como no período contemporâneo que o homem se serve para encontrar a verdade. Sendo que para melhor desenvolvimento do tema, apresentaremos o homem racional e a importância das regras estabelecidas por Descartes em sua obra O Discurso do Método, as idéias de teóricos cartesianos, que entram em discussão a cerca do dualismo de Descartes. O presente trabalho tem como objeto de análise a obra O Discurso do Método em sua segunda parte como instrumento para busca da verdade acerca do conhecimento por meio de suas regras básicas e fundamentais.

Palavras-chaves: discurso do método, filósofos, Descartes, racionalidade.

Keywords: Speech method, philosophers, Descartes, rationality.

ABSTRACT

This work addresses the issue of the knowledge of the Cartesian method in philosophical research, analyzing the second part of the method of discourse, having a huge relevance to modern philosophy for bringing the interpretation of Descartes' theory of knowledge. This study aims to analyze literature sources as well as comparative sources about what is rationality in Descartes, addressing the second part of the method of discourse, identifying rational means both the Modern Period as the Contemporary Period that man uses in the search for truth. Whereas to improve the theme's development, we will present the rational man and the importance of the rules established by Descartes in his work Discourse on the Method (Discours de la méthode), the cartesian theoretical ideas that come into a discussion about Descartes' dualism. This abstract analyzes the work Discourse on the Method or Discours de la méthode (pour bien conduire sa raison, et chercher la verité dans les sciences) in it's second part as an instrument for the pursuit of truth about knowledge through their basic and fundamental rules.

Keywords: Speech method, philosophers, Descartes, rationality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1: O PENSAMENTO MODERNO E UMA VISÃO GERAL DO MÉTODO.....	9
1.1. O racionalismo moderno e seu contexto.....	9
1.2. Visão geral do discurso do método.....	11
CAPÍTULO 2: A ANÁLISE DA RACIONALIDADE NA SEGUNDA PARTE DO DISCURSO DO MÉTODO DESCARTES.:.....	17
A busca da verdade.....	22
CAPÍTULO 3: A RACIONALIDADE E SUAS VERTENTES NO MUNDO MODERNO E CONTEMPORÂNEO.....	25
3.1. A racionalidade na visão de Malebranche, Spinoza e Leibniz.....	25
3.2. A importância do pensamento cartesiano acerca da racionalidade do homem no mundo contemporâneo.....	29
CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIA.....	35

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a questão da análise da racionalidade na segunda parte do Discurso do Método em Descartes, tendo como foco principal as regras do método, consideradas por Descartes meios para se chegar à verdade.

Através do racionalismo e seu contexto moderno pode-se perceber como homem ainda se encontrava voltado para o pensamento teocêntrico. Com a mudança deste pensamento, o homem ganha mais espaço na sociedade, tornando-se seu centro.

A clareza e a distinção do verdadeiro e do falso são de suma importância para Descartes, pois é o primeiro passo para a razão chegar a seu fim último que é a verdade. A divisão de idéias para uma melhor compreensão objetiva e a sua enumeração que partem das mais simples até as mais complexas a fim de que nada se perca.

O problema posto em questão tem um horizonte vasto, pois a racionalidade trilha pelo caminho da dúvida e das regras do método para atingir a verdade. A racionalidade em Descartes na segunda parte do método aponta meios para o homem chegar à verdade através das regras do método. Os fatos têm que ser claros e distintos a ponto de não terem nenhuma dúvida a cerca da verdade.

René Descartes é considerado pai da filosofia moderna. Período teve como característica o processo que o homem restaura sua imagem diante de uma nova classe social (burguesia). O homem passa a ser foco de questionamento e é neste exato momento em que o homem buscou identificar os critérios, as maneiras e os métodos para constatar a veracidade do conhecimento.

Descartes, após a apresentação do método dedutivo, passa a fixar regras fundamentais procurando evitar cair na dificuldade do acesso à verdade, tentando mostrar regras fáceis que, sendo bem observadas, podem fazer o homem chegar ao conhecimento verdadeiro.

A racionalidade em Descartes na segunda parte do método busca a verdade, através das regras do método, no qual analisa que não há perfeições feitas por muitas mãos, comparando assim que o pensamento teve ser reconstruído por um novo terreno (no período moderno o homem é colocado como centro e objeto da racionalidade).

O dualismo de Descartes entre a res-cogitans (ser pensante) e res-extensa (a natureza), nesta visão dualista o homem teria ambas as substâncias apesar de

O dualismo de Descartes entre a *res-cogitans* (ser pensante) e *res-extensa* (a natureza), nesta visão dualista o homem teria ambas as substâncias apesar de serem distintas. Malebranche acredita nesta distinção de uma forma ocasionalista, em que tudo converge para ação de Deus, restringindo assim a liberdade do homem. Diferentemente deste pensamento, Spinoza, considerado radical cartesiano, reduz as duas substâncias a uma só, da qual o pensamento e extensão seriam atributos. Leibniz critica Descartes acerca do dualismo, mas busca a clareza e a distinção do pensamento, para examinar os fatos, a fim de descobrir se uma declaração particular é verdadeira ou falsa.

Com o advento e passagem o século XIX ao XX vemos a importância do pensamento cartesiano no mundo contemporâneo que, primeiramente tem uma visão de progresso e, depois, percebe que não foi tanto progresso assim. Com as novas tecnologias e o novo modo de pensar surge a filosofia da mente, dando ênfase ao cérebro e à mente, buscando através de pesquisas tecnológicas e filosóficas novos conhecimentos acerca da racionalidade humana, buscando assim criar uma inteligência artificial.

As razões que levaram a efetivar o presente estudo partiram da necessidade de conhecer a racionalidade na ótica de Descartes da segunda parte do discurso do método, como também desenvolver uma análise a partir da validade do método cartesiano, considerando-se o homem como ser racional, no qual abre a possibilidade de construir estruturas humanas, com mais logicidade, que leve a satisfazer a busca pela verdade.

CAPITULO 1: O PENSAMENTO MODERNO E UMA VISÃO GERAL DO MÉTODO

1.1 O racionalismo moderno e seu contexto.

A palavra racionalismo deriva do latim ratio, que significa “razão”. Este termo normalmente é empregado de várias maneiras. Aqui, racionalismo está empregado para indicar a doutrina que atribui exclusiva confiança à razão humana como instrumento de conhecimento da verdade.

A renascença impôs um novo modo de pensar, diferentemente do modo anterior do qual o centro das preocupações humanas era Deus. Com a renascença e a modernidade, o homem passou a ocupar o cerne do pensamento. O homem se torna agente da história, passando agora acreditar nas suas potencialidades através da razão. Naquele período o mundo já não mais caracterizava com o pensamento teocêntrico “nem o autoritarismo eclesiástico, mas autonomia do mundo da cultura em relação a todo fim transcendente” (MONDIN, 1977, p.9).

Com o século XVII deu-se início à filosofia moderna que tem por característica a autonomia da razão. Esta afirmação é exclusiva do racionalismo e de todo o pensamento moderno. Anteriormente, ou seja, no período medieval, não se conseguia afirmar a autonomia da razão; esta sempre ficou sujeita, de um modo ou outro, à autoridade eclesiástica. A modernidade é marcada como o período do racionalismo clássico que nasceu para combater o pessimismo teórico, reinante do século XVI e início do século do XVII, “Esse pessimismo teórico ficou conhecido como ceticismo, ou seja, a capacidade de duvidar da razão humana para conhecer a realidade exterior do homem” (CHAUÍ, 2003, p.49).

Segundo Gilberto Cotrim, o pensamento moderno trouxe por um lado a ruptura com a tradição antiga e medieval, mas ao mesmo tempo trouxe consigo uma continuação e uma evolução do pensamento que buscava a verdade com suas transformações que se derivava da passagem do feudalismo para o capitalismo, as

formações dos estados nacionais, o movimento da reforma, o desenvolvimento da ciência humana e a invenção da imprensa. (COTRIM, 2008, p. 126).

Toda a filosofia moderna além de ter uma atitude crítica, demonstrou uma soberana confiança no novo método de pensamento, que se iniciou com Descartes ao inaugurar uma nova época da filosofia, buscando no racionalismo e no seu novo método a verdade, tendo como ponto de partida o homem como ser pensante. Com esta nova realidade, Descartes sentiu-se convencido que os homens são todos iguais quanto à inteligência e a obtenção de uma diversidade de resultados é unicamente por causa da diversidade do método empregado ao afirmar que “o bom senso ou razão, é naturalmente igual a todos os homens.” (DESCARTES, 1973, p.37).

Por isso um dos principais representante do racionalismo do século XVI e XVII foi o francês René Descartes, por seu novo modo de filosofar valorizando o homem como ser pensante e buscando assim construir o novo edifício para o pensamento filosófico como afirmara Russel: “É bem verdade que ele conserva muito dos escolásticos; entretanto não aceita os fundamentos posto por seus antecessores, esforçando-se por construir um ex novo um edifício filosófico completo” (REALE, 2003, p.348).

Neste período moderno o racionalismo tendo seu espaço privilegiado tendo como seu fundador o celebre Descartes abrindo nova forma de conhecimento que é a doutrina das idéias inatas. Segundo esta doutrina há em nós certo número de conceitos inatos que são na verdade, os mais importantes, fundamentadores do conhecimento não provindos da experiência e sim da razão. Com a razão o homem conquista a liberdade e aperfeiçoa-se para o progresso

No século XVIII surgiu o empirismo, que se opôs ao racionalismo, ao defender que todos os nossos conhecimentos procedem em última análise, dos sentidos, da experiência sensível. Diferentemente deste ponto de vista o racionalismo estabeleceu que nosso conhecimento procede da razão e estes princípios são inatos ao entendimento. Por este motivo, costuma-se dizer que Descartes é racionalista, que toda a sua filosofia é marcada pelo império da razão. Vejamos o que ele diz no discurso do método:

Jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito que eu não tivesse ocasião de pô-lo em dúvida. (DESCARTES, 1973, p.45)

Os racionalistas consideram como conhecimento válido e verdadeiro aquilo que possa ser provado logicamente necessário e universalmente. Isto não quer dizer que neguem a existência do conhecimento empírico, porém não passa como simples opinião desprovida de valor científico. Porém a razão sempre foi compreendida de acordo com um espaço subjetivo, ou seja, como vetor que examina os meios e as condições do conhecimento. Por isso, pode-se dizer que enquanto a filosofia medieval se preocupava com o ser, a filosofia moderna se preocupa com o conhecer e acreditam que “as novas verdades são expressas em juízos analíticos, puramente, explicativos, que não o ampliam, nem lhe trazem qualquer aumento” (MONDIN, 1982, p.173).

1.2 Visão geral do discurso do método

René Descartes, sentiu a necessidade de elaborar um método do qual pudesse se servir para encontrar a verdade. Desse desejo surgiu sua celebre obra: *O Discurso do Método*, que está dividido em seis partes: na primeira encontram-se considerações atinentes à ciência, na segunda apresentam-se as principais regras do método, na terceira as regras morais provisórias, na quarta as razões da prova da existência de Deus e da alma humana, na quinta a ordem das questões de físicas, em particular a explicação do movimento do coração e por fim revela as razões que o levaram a escrever sua obra.

Nessa obra, Descartes mostra os passos para o estudo e a pesquisa. Criticou o ensino humanista e propôs a matemática como modelo da ciência perfeita. Além disso, assentou em posição dualista as questões ontológicas da filosofia: a relação entre o pensamento e ser. Elaborou seu novo método científico de conhecimento do mundo através da razão e da ciência.

Descartes viveu num tempo de profunda crise da sociedade e da cultura européia, tempo de transição entre uma tradição que ainda sobrevivia fortemente de um modo próprio de pensar e do advento de uma nova visão de mundo se

anunciava com a Idade Moderna. Foi um período de grandes transformações e ruptura com o mundo anterior como vimos.

As grandes navegações iniciadas já no século XV e o surgimento de novas teorias científicas como o de Nicolau Copérnico, Giordano Bruno, Galileu Galilei e Johannes Kepler revolucionaram-se a maneira de se considerar o mundo físico, dando nova visão à concepção de universo.

Com o incidente de Galileu, que foi acusado a aderir ao copernicanismo (perigoso porque rompia com a interpretação dada pelas Sagradas Escrituras) que afirmava diferentemente do copernicanismo ao dizer que “a terra permanece sempre (em seu lugar) e que o Sol se levanta, o sol se deita, apressando-se a voltar ao seu lugar” (Ecl.1,5.). Por este motivo, as autoridades eclesiásticas não poderiam aceitar que nenhum cristão estabelecer-se princípios hermenêuticos da Bíblia, porque só o Magistério da Igreja é quem pode interpretar autenticamente os textos bíblicos. Daí veio o choque de Galileu e a Igreja ao afirmar que a terra gira em torno do sol. Nesta situação foi que surgiu o resumo da publicação do Discurso do Método do qual todas as palavras de Descartes e seus planos mudaram, por medo do tribunal da Inquisição; por este motivo não assina sua obra.

No pensamento de Descartes, para se adquirir a obra do conhecimento, é preciso primeiro abandonar as verdades dos antigos. Por um lado é aconselhável a leitura dos antigos a fim de conhecer, mas por outro lado considera esta leitura perigosa para formação do espírito, porque se criam muitos preconceitos pela acumulação de probabilidade que prejudica o bom funcionamento do espírito.

O método cartesiano criticou a tradição escolástica aristotélica ensinada nas escolas (no período moderno), porque (segundo ele pensava) a dialética aristotélica obscurecia a luz da razão e tornava as pessoas preguiçosas intelectualmente. A dialética enfoca a incapacidade do raciocínio silogístico para alcançar o novo conhecimento. O próprio silogismo é deficiente por não acrescentar nada de novo e por formular apenas o que é conhecido.

Essas críticas assinalam dois vies modernos do pensamento de Descartes que informam o seu método. O primeiro é que a capacidade natural de raciocinar é igual a todas as pessoas, não constituindo domínio de uns poucos especialistas versados nas complicações da dialética. As pessoas, portanto, não precisam depender da autoridade de alguns especialistas, podendo cada um individualmente obter conhecimento usando sua capacidade racional. Segundo, a inutilidade da dialética para gerar novos conhecimentos faz ressaltar o moderno ideal cartesiano do progresso científico. Ou seja Descartes não se satisfaz em reformular velhos

conhecimentos, ao contrário, ao contrário dos seus pares escolásticos aristotélicos- ele queria novas descobrir verdades que expandissem o conhecimento científico, para assim aliviar a vida e melhorar a vida do homem.(SKIRRY, 2001, p.23.)

Esta rejeição que Descartes sentiu pela dialética foi que o levou a elaborar um novo método que teria como título "o Discurso do Método" buscando explicar que o novo método traz consigo benefícios para a lógica, geometria e a álgebra evitando seus defeitos. Os principais defeitos da dialética são as inúmeras variedades de regras as quais Descartes resumiram em quatro e, estas regras, são simples para não obscurecer a luz natural da razão.

O pensamento cartesiano desde cedo buscou através da dúvida metódica uma certeza absoluta. Assim sendo, qualquer conclusão científica que não fosse clara e distinta deveria ser rejeitada como falsa. Nisto todos os antigos erram na busca da verdade porque ignoram a importância da razão e a capacidade do homem raciocinar.

Por isto enganara-se os que seguiram Aristóteles e Santo Tomás, pensando que era necessário cultivar separadamente as ciências. Ao contrário, a aprendizagem de uma ciência reforça a capacidade da razão tornando-a mais habilitada para as demais ciências" (LAFRANCE, 1996, p.400).

Outro obstáculo encontrado na procura da verdade foram os preconceitos e os juízos que não passavam pelo crivo da razão, por este motivo não poderiam ser verdadeiros, pois era necessário que a alma se libertasse dos preconceitos para chegar à verdade. Os mestres antigos se utilizavam de preconceitos antigos para edificar seus fundamentos. Descartes, ao contrário, construiu seu método sem precisar desses velhos fundamentos, pois via mais perfeição numa obra feita por uma só mão do que feita por várias.

Assim vê-se que os edifícios empreendidos e concluídos por um só arquiteto costumam ser mais belos e melhor ordenados do que aqueles que muito procuram reformar, fazendo uso de velhas paredes construídas para outros fins. (DESCARTES, 1973, p.42).

René Descartes nos levou a perceber aquilo que nos torna homens, nos distingue de todas as coisas em comparação aos animais, às diferenças são marcantes, sendo um processo do desejo humano dinamizado pela razão e pela

espécie. Em seu método expôs a capacidade racional que todo ser humano tem em distinguir as coisas verdadeiras e falsas ao afirmar:

E não é verossímil que todos se enganem a tal respeito; mas isso antes testemunha que o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se denomina o bom senso ou a razão, é natural a todos os homens; e, destarte, que a diversidade de nossas opiniões não provém do fato de sermos mais racionais que outros, mas somente de conduzirmos nossos pensamentos por vias diversas e não considerarmos as mesmas coisas. (DESCARTES, 1973, p.38).

Na visão de Descartes, existem dois caminhos para se chegar à verdade. São eles: intuição e dedução, ambos são atos espontâneos do espírito para o entendimento, pois a lógica se reduz em definitivo, numa discussão de palavras sem conteúdo objetivo. A intuição no discurso do método é uma luz clara e natural da razão que não deixa sombra de dúvida. A dedução seria uma ligação de raciocínios em uma serie de deduções para se alcançar o conhecimento que, no caso seria preciso uma enumeração a fim de que não se perca nenhum elo. O novo sistema de conhecimento usado por Descartes é a análise e não a síntese.

Estaremos seguindo exatamente este método se primeiro reduzirmos passo a passo proposições complicadas e obscuras a proposições simples e, então, começando com a intuição das mais simples e então, tentarmos galgar os mesmos passos rumo ao conhecimento de todo resto. (SKIRRY, 2010, p.23.).

A análise é *a priori* pelo fato de seus efeitos serem conhecidos, antes de suas causas e a ordem da descoberta se começa com aquilo que se conhece e então se segue as novas verdades. A síntese, no entanto seria *a posteriori* porque parte do conhecido na ordem da descoberta, isto é, de sua causa.

Utilizando-se do método da dúvida hiperbólica, Descartes mostrou que podia duvidar de tudo, inclusive das crenças baseadas na sensação que são destruídas pela dúvida. A dúvida metódica aponta que na busca de uma verdade, é necessário demolir crenças antigas para se reconstruir um novo edifício ou pensamento que me leve a uma verdade que não em deixe sombra de dúvida. Nisto só o homem como ser racional poderá fazer, através da razão, pois ele pode duvidar de tudo exceto de sua existência.

A dúvida hiperbólica não é uma questão cética de se duvidar, só por duvidar, mas a dúvida hiperbólica é libertação do homem das amarras do pensamento

antigo. O homem é ser pensante que através da dúvida busca novos conhecimentos, que o leve à sua autonomia e distinguir, mediante sua realidade, o verdadeiro do falso

Mas, logo em seguida, adverti que enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade penso logo existo, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos cétricos não seriam capazes de abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulos, como princípio da filosofia que procurava. (DESCARTES, 1973, p. 54).

Para duvidar é preciso viver, segundo a comparação cartesiana da demolição dos velhos edifícios do saber tradicional, buscando novos materiais para construir o novo edifício filosófico. Por este motivo, Descartes, na terceira parte do discurso do método, estabelece as máximas da moral provisória. Este código tem como objetivo não ficar inativo pela incerteza nos assuntos práticos. Skirry em sua obra compreender Descartes parafraseia estas máximas da seguinte forma:

1) Obedecer às leis e costumes de meu país, permanecendo fiel à religião católica, e me conduzir em todos os outros assuntos de acordo com as opiniões mais moderadas aceitas na prática pelas pessoas mais sensatas. 2) Ser tão firme e decisivo na ação quanto possível e seguir mesmo as opiniões mais duvidosas uma vez as tenha adotado. 3) tentando dirigir a mim mesmo e não ao destino, mudando os desejos e não a ordem do mundo. 4) Analisar as varias profissões e escolher a melhor. (SKIRRY, 2010, p.203-204).

Descartes teve uma visão mecanicista acerca do corpo contentando-se em supor que Deus o formou sem alma. Esta não seria nem racional nem vegetativa nem sensitiva. Ele admitia que apenas no coração existia “um fogo sem calor”, desta maneira ele explica a circulação do sangue ao afirmar no Tratado do Mundo. Então Deus criava a alma racional e juntava ao corpo.

A descoberta do sangue deve-se William Harvey (1578-1657), que expôs em *De motu cordis*, de 1628, mas Descartes de modo diferente, puramente mecânico: para ele, o coração é uma espécie de motor a explosão na máquina maior que é o corpo humano. E, de fato, Froidmont censurou Descartes por substituir a alma vegetativa e sensitiva por uma simples fermentação. Descartes defendeu-se dizendo que explicava mecanicamente tudo, menos a consciência: esta exige uma alma espiritual, que só é própria do homem; os outros animais são puras máquinas. (ROVIGHI, 2000, p.108).

A filosofia de Descartes pode ser considerada sob dois aspectos diversos. O primeiro aspecto trata-se de uma técnica racional que procede de modo autônomo e geométrico, isto é, servindo-se de idéias claras e distintas em uma ordem rigorosa. Sob este aspecto encontra-se a segurança da autonomia da razão. O segundo aspecto seria respeitar as exigências internas desta técnica, pondo de lado as idéias que não fossem claras e distintas e a ordem de tais ideias. Em sua obra o discurso do Método, Descartes mostrou meios que pudessem levar o homem ao conhecimento verdadeiro, tendo a clareza e a distinção como segurança.

O método cartesiano foi a forma que Descartes encontrou para se firmar diante de tantas dúvidas. Em sua obra Descartes, aponta aos homens meios para se chegar à verdade. Mas para se chegar à verdade é necessário percorrer um caminho buscando clareza e distinção, a fim de não encontrar nenhuma dúvida acerca da verdade.

CAPITULO 2: A ANÁLISE DA RACIONALIDADE NA SEGUNDA PARTE DO DISCURSO DO MÉTODO DE DESCARTES

Em seu novo método, Descartes almejou ir até às raízes do conhecimento, a fim de possibilitar colher frutos filosóficos maduros, servindo-se da metáfora de uma árvore cujas “raízes são a metafísica, o tronco é a física e os galhos que dela partem, são todas as demais ciências, que podem ser reduzidas a três principais, a saber, a medicina, a mecânica e a moral (SKIRRY,2010, p.14).

Ao desenvolver o método e suas regras, Descartes pretendeu satisfazer as exigências do homem, que através da racionalidade busca a verdade. Analisou que não há perfeições feitas por muitas mãos, mas a perfeição se encontra em uma única mão que é a razão, ou seja, percebeu que o pensamento deve ser reconstruído em um novo terreno e este novo terreno é o terreno da razão.

Segundo Batista Mondin, Descartes sempre teve consciência da importância da colocação gnosiológica da investigação filosófica, que deve iniciar não pelo estudo das coisas, mas pelo estudo da mente humana. (1981, p. 64).

O discurso do método é a redução da obra *Regulae ad Directionem Ingeni* que chegou a enumerar 21 regras. Vendo a complexidade do pensamento, Descartes reduziu o método em 4 regras, simplificando e esclarecendo melhor o entendimento como afirmara:

Como grande número de leis amiúde só serve para fornecer pretexto à ignorância e ao vício, razão pela qual a ação regula-se tanto melhor quanto menos em vez de multidão de leis lógicas, me bastariam às quatro seguintes, com condição de que se decidisse firme e constantemente observá-las, sem qualquer exceção. (REALE; ANTISERI, 2003,p.359).

Desde o início do discurso do método, Descartes sublinha a suma importância da aquisição do método a ciência. A argumentação do ponto de vista da racionalidade do homem são iguais a todos os homens e se há uma diversidade de

saberes e de opiniões não procede de um homem ser mais inteligente que o outro, mas de conduzirmos nossos pensamentos por caminhos diferentes.

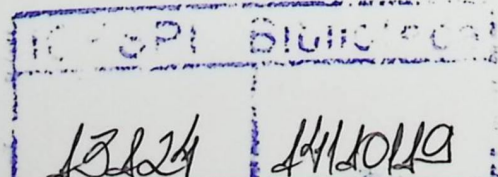
No pensamento de Descartes a falta de progresso do saber filosófico se dá pelo emprego de métodos não muito adequado (no caso a geometria) ou métodos estéreis (como o silogismo de Aristóteles). Torna o método de Aristóteles estéril e sem valor em relação aos novos conhecimentos, entretanto ele ajuda bastante a exercitar a mente e a estimular a discussão. O método usado por Descartes em última análise divide-se em dois: o intuitivo que parte da experiência e o dedutivo que parte de princípios universais. Este segundo Descartes acredita que possa levar ao progresso da pesquisa e à descoberta da verdade.

Eu me alegro de ter sido formado assim, em outro tempo, nas escolas; pois agora em vejo livre daquela obrigação que me sujeitava às palavras do mestre, e que, por chegar a uma idade suficientemente madura, em minhas mãos já se emanciparam da palmatória, se quero a mim mesmo impor as regras com cujo auxílio posso subir até o cimo do conhecimento humano, há de ocupar, desde logo, em primeiro lugar, aquela que me avisa que não me deixe levar pela indolência, como muitos fazem, que desdenham tudo o que é fácil e não se ocupam senão das coisas difíceis, acerca das quais elaboram conjecturas, em verdade muito sutis e razões deveras prováveis, porém após muito trabalho descobrem, tarde demais, que aumentaram somente a abundância das dúvidas, mas que nenhuma ciência adquiriram (DESCARTES, 2003, p.76).

Como podemos perceber, o novo método representou a libertação de todos os conhecimentos anteriores levando a edificação da nova ciência e esta nova edificação se dará através da distinção que leva a razão a encontrar-se com a verdade. Primeira regra do método se dá pela clareza e distinção como afirma Descartes em sua obra o discurso do método.

Primeiro era jamais acolher alguma coisa verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida. (DESCARTES, 1973, p.45).

A primeira regra é fundamental para as demais regras, pois se trata de princípios normativos fundamentais nos quais tudo deve concorrer para a clareza e distinção. Por isso, fala-se de idéias evidentes, cujo ato intelectual para se alcançar a verdade é intuitivo, em que a luz da razão se auto fundamenta, auto justifica-se, pois sua segurança não se fundamenta em argumentações, mas com limpidez mútua entre razão e conteúdo intuitivo. Nesta regra da razão, Descartes enuncia o



critério de clareza e distinção, pois a intuição, segundo ele, corresponde a duas formas de conhecimento, que são isentas de erros, como explica ele nos princípios de filosofia:

Chamo de clara uma percepção (*perceptio*) que está presente e é aberta à mente atenta; do mesmo modo dizemos que vemos com clareza quando as coisas, presentes ao nosso olho, movem forte e abertamente. Chamo distinta aquela percepção que não contém em si nada além do que é claro. (MONDIN, 1981, p.67).

Descartes fez uma oposição entre a evidência e à conjectura, esta seria aquilo de cuja verdade não se pode apresentar de imediato, quando a razão chega a evidência é na verdade a intuição que é entendida por Descartes entende como mente pura, atenta e sem dúvidas acerca do pensamento. Um ato fundamental do espírito humano é a intuição, que Descartes colocou antes da dedução. Estes seriam os dois únicos atos do intelecto. A intuição é própria da mente em si mesma. Descartes assinalou a intuição de maneira mais precisa:

Por “intuição” não entendo o flutuante testemunho dos sentidos ou enganoso juízo da imaginação ao compor um remendo de coisas, mas a concepção de uma mente clara e atenta, tão fácil e distinta que não pode haver lugar para dúvida sobre o que compreendemos. Ou – o que vem a dar no mesmo- intuição é a concepção indubitável de uma mente clara e atenta que procede unicamente da luz da razão. (SKIRRY, 2010, p.23).

A intuição da verdade, agora diante da clara luz da razão desperta o que é impossível duvidar e, caso isso acontecer-se, (de despertar dúvida) seria sinal que a luz natural da razão estaria de alguma forma, obscurecida, quer por um método entravado ou por um preconceito anterior. Uma intuição não ocorre aos poucos, mas é uma varredura mental que torna simples a operação. A clareza e distinção de toda proposição deve ser entendida de uma só vez e não por partes. Neste sentido, a intuição seria uma simples varredura, uma mente atenta e clara, cujo conteúdo é iluminado pela luz natural da razão.

A segunda regra do método trata do método analítico, o qual leva à evidência, dissipando do intelecto as ambigüidades que se possam apresentar à razão, mostrando assim que as grandes conquistas se dão parte por parte e que, passo por passo, a racionalidade chega ao objetivo que é a verdade. Na segunda regra do método Descartes afirma: “Dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em

tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las". (DESCARTES, 1973, p.45).

Esta segunda regra consistiu em dividir a complexidade em questões no qual encontra-se-á com elementos desconhecidos que motivem a pesquisa; esses desconhecidos indicam para algo conhecido orientando a pesquisa. Descartes dividiu os conceitos em idéias absolutas e idéias relativas. As idéias absolutas são idéias independentes das outras, tendo assim um valor de universalidade e de unidade. As idéias relativas diferentemente das idéias absolutas, apresentam certa dependência de outras idéias, pois consistem em algo composto e particular. A distinção destes dois gêneros de idéias é difícil, pois as idéias absolutas sob um certo ponto aparecem muitas vezes como sendo relativas a tal modo que é preciso determinar em cada aspecto se a ideia é absoluta ou relativa.

O método dá uma explicação perfeita do uso da intuição intelectual para não cairmos no erro contrário à verdade, e do meio de encontrar deduções para chegar ao conhecimento de todas as coisas, nada mais requer, parecer-me, para que seja completo; pois não se pode obter ciência alguma, como já disse, se não é por intuição ou dedução. (DESCARTES, 2003, p.81).

A análise exposta na segunda regra do discurso do método implica que um problema seja liberto de qualquer complexidade dividido-o em pequenas partes, ou seja, em problemas simples, a fim de que se possa chegar a uma solução ou entendimento.

A originalidade de Descartes em atribuir à análise uma grande importância se dá com a finalidade de preparar o terreno da síntese e da dedução. A dúvida metódica é um dos pontos de vista mais originais do pensamento cartesiano. É o momento essencial da análise.

A terceira regra trata de recompor a ordem ou cadeias do raciocínio que se desenvolvem do simples até o mais complexo, sem deixar de ter correspondência com a realidade. Neste caso, trata-se do pensamento reconstruído, permeado pela luminosidade transparente da razão.

O terceiro, o de conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns com os outros. (DESCARTES, 1973, p.46).

Esta terceira regra é a síntese do pensamento, supõe que tenha um ordenamento equitativo. Isto seria o ordenamento do pensamento, ou seja, a organização entre um pensamento e outro afim que não se perca nada. Como afirma Descartes: "Por isto, recomendamos investigar tudo isso com método, o qual, nestas coisas de menor importância, não pode ser outro senão a observação constante da ordem que existe na própria coisa ou que se inventa com engenhosidade" (DESCARTES, 2003, p.102).

Esta regra trata de uma síntese que deve partir de elementos absolutos ou não dependentes de outros, e procede em direção aos elementos absolutos ou não dependentes, dando lugar a uma cadeia de nexos coerentes. Trata-se de recompor a ordem ou criar uma cadeia de raciocínios que se desenvolvam do simples ao complexo, o que não pode deixar de ter uma correspondência na realidade. Quando não há esta ordem a supomos como a hipótese mais conveniente para interpretar e expressar a realidade efetiva. Se a evidência é necessária para ter a intuição, o processo do simples ao complexo é necessário para o ato intuitivo.

O problema da ordenação do pensamento é um problema complexo, pois muitas idéias se apresentam à razão depois da simplificação, um simples erro pode causar um erro na dedução, por este motivo é que se torna necessário depois da simplificação e divisão de um problema a enumeração, a fim de que não se perca nada. As duas últimas regras apresentadas são momentos importantes na dedução: a síntese torna possível a enumeração e esta torna completas as idéias complexas.

A quarta regra do método trata da enumeração e revisão da análise e da dedução, de verificá-las como corretas. A enumeração exerce certo controle da imaginação mediante o encadeamento das deduções. Diz Descartes: "... E o último, o de fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir" (DESCARTES, 1973, p.46).

A enumeração é o movimento final da razão e este movimento não pode ser interrompido, pois pela falta de um elo de pensamento, desfaz-se a cadeia de raciocínio. A enumeração pode apresentar dois erros possíveis: a omissão de um elemento e a sua incompreensão. Enumerar significa reunificar o que foi fragmentado nas várias etapas. Para que a intuição da verdade seja possível, é preciso que se faça um movimento contínuo entre as partes.

Percurso (todos os elos da cadeia dedutiva) várias vezes, num movimento continuo da imaginação, simultaneamente intuindo uma relação e passando à seguinte, até aprender a passar da primeira à seguinte, até aprender da primeira à última tão rápido que a memória fica praticamente sem papel algum a desempenhar, e pareço intuir toda coisa de uma vez. (SKIRRY, 2010. p.31).

Entender a operação de enumerar não é fácil e se torna mais complicado pelo fato de Descartes ter dois propósitos distintos: os de fornecer um método para solucionar problemas complexos e o segundo da mente perceber os elos que se interligam em uma questão. Por isso, a enumeração exerce duas funções no Discurso do Método: A primeira consiste numa investigação completa do problema examinado e excluindo o que possa ser falso. A segunda é percorrer todas as deduções feitas a fim de se obter um resultado verdadeiro.

Em suma, as quatro regras fundamentais do Discurso do Método apresentam primeiramente o problema a ser resolvido; segundo visualizá-lo em várias partes; terceiro, começar pelas mais simples até chegar às mais complexas e, por fim, rever criteriosamente o que foi concluído, ligando as partes. Eis aí a unidade do saber. Estas regras partem de princípios racionais a fim de que o homem possa encontrar a verdade e possa seu pensamento distinguir o verdadeiro do falso, através da racionalidade. O método cartesiano, especialmente as teses relativas ao conhecimento perfeito, constitui a base do seu novo edifício gnosiológico.

A busca da verdade

O homem desde a sua origem manifesta ao mundo o desejo de se encontrar com a verdade. A sociedade, com sua complexidade, lança ao homem diversas opiniões que o leva a questiona-se sobre a verdade. No decorrer dos séculos foram sendo construídas diversas concepções de verdade tendo como base três compreensões diferentes, provenientes das línguas grega, latina e hebraica.

Em grego a palavra verdade vem de ἀλήθεια que significa não esquecido usada por Platão lembrando do não esquecido, isto quer dizer que, a verdade seria a auto manifestação da realidade. Em latim verdade vem veritas, isto quer dizer, que a verdade depende da veracidade e que corresponda aos fatos. Em hebraico verdade se diz emunah que significa confiança, neste caso são uma relação de pessoas e Deus que são verdadeiros. (CHAUÍ, 2003, p.95).

Ao elaborar o Discurso do Método, Descartes encontrava-se em condições de trilhar um novo caminho em busca da verdade. O pensar para ele tinha um novo sentido. Não seguindo mais opiniões ambíguas como certas. Assim Descartes adotou a dúvida como caminho mais correto para estabelecer o valor do conhecimento. Até o momento em que não se tem um conhecimento seguro e verdadeiro, acreditava o filósofo fosse necessário colocar tudo em questão todos os conhecimentos até os adquiridos. Dizia Descartes na IV parte do Discurso do Método:

De há muito observara que, quanto aos costumes, é necessário às vezes seguir opiniões, que sabemos serem muito incertas, tal como se fossem indubitáveis, como já foi dito acima; mas, por desejar então ocupar-me somente com a pesquisa da verdade pensei que era necessário agir exatamente ao contrário, e rejeitar como absolutamente falso tudo aquilo em que pudesse imaginar a menor dúvida, a fim de ver se, após isso, não restaria algo em meu crédito, que fosse inteiramente indubitável. (DESCARTES, 1973, p.54).

Descartes buscou uma verdade primeira que pudesse servir de base para outras verdades, mas para percorrer até lá foi necessário romper com o mundo convencional, a adesão ao método significou também assumir uma nova atitude diante da realidade. A visão dele lhe apresenta segurança, pois os sentidos, à primeira, vista parecem ser seguros, mas eles muitas vezes enganam, pois podemos pensar em algo e nos enganarmos.

Um dos aspectos importantes abordados por Descartes em sua obra O Discurso do Método, foi a famosa dúvida metódica expressa na primeira regra "... nada incluir em meus juízos que não apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma dúvida" (DESCARTES, 1973, p.45). Com isto Descartes buscou por de lado tudo que acreditava, abrindo-se a conhecer novos conhecimentos passando pelo crivo da razão.

No pensamento cartesiano a dúvida não é arbitrária, porém ela só é real ou relevante se contiver em si razões fundamentais para duvidar. O pensamento cartesiano não é um pensamento cético (que dúvida por duvidar), ao contrário, ele apresenta-se à razão como forma de buscar novos horizontes que levem o homem a sua existência e possa ter consciência de si como ser pensante. "Apenas dei-me atenção e o conduzirei para além do que supõe. Pois dessa dúvida universal como ponto de fixo e imóvel, proponho derivar o conhecimento de Deus, de si mesmo e de tudo no universo" (SKIRRY, 2010, p.47).

A dúvida cartesiana implica dois momentos distintivos: o primeiro momento é teórico, seria reconhecer o caráter incerto e problemático dos conhecimentos. O segundo é o caráter prático um ato livre da vontade. Na doutrina cartesiana está implícito um segundo momento que é a liberdade e decisão do homem. Esta questão diz respeito à existência e não à essência das coisas. Por isso, fazem-se necessários motivos para mover a dúvida.

Mas, logo em seguida, advertir que enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E notando que esta verdade: eu penso, logo existo, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulos, como primeiro princípio da filosofia que procurava. (DESCARTES, 1973, p.57).

No fundamento do cogito (eu penso) cartesiano pode-se resaltar antecipadamente de uma intuição, graças à qual percebo minha existência enquanto ser pensante e não uma demonstração. E, procurando definir a natureza da própria existência, Descartes afirma que ela é *res cogitans*, uma realidade pensante, sem qualquer ruptura entre pensamento e ser.

Assim Descartes chegou ao ápice de seu pensamento que o homem é uma realidade pensante capaz de perceber sua realidade e distinguir o verdadeiro do falso, podendo assim chegar ao conhecimento da verdade. A racionalidade do homem pode percorrer caminhos em busca da verdade através da clareza e distinção. Descartes tem consciência que o homem é um ser pensante e por ser um ser que pensa pode usar o método da dúvida, duvidando de tudo, exceto de sua existência como afirmara Rovighi: "Duvido que existam terra, céu, astros e tudo o que me é oferecido pelos sentidos. Mas que coisa, de tudo isso, percebo clara e distintamente? Só as idéias ou pensamentos destas coisas se apresentam ao meu espírito. E deste tão pouco duvido agora" (ROVIGHI, 2000, p.86).

A dúvida empírica se transforma numa luz para Descartes, pois através dela a certeza tomara posse de seu espírito, esta certeza que consiste em fazer a razão chegar a verdade através de métodos seguros que possam apresentar a certeza da verdade. A dúvida de Descartes torna-se uma dúvida metódica que não é feita por uma inteligência insatisfeita, mas é fruto de uma vontade livre que tem a certeza e a capacidade de chegar à verdade.

CAPITULO 3: A RACIONALIDADE E SUAS VERTENTES NO MUNDO MODERNO E CONTEMPORANEO.

3.1 A racionalidade na visão de Malebranche, Spinoza e Leibniz.

A influência de Descartes e seus seguidores (em especial na França) durou cerca de dois séculos. Os seguidores de Descartes o defenderam das acusações de Gassendi e Pascal (que o acusaram de herético, ao mostrarem o enfraquecimento do sistema cartesiano) para estes, Descartes era ateu.

Um dos grandes defensores de Descartes foi seu discípulo Malebranche que aceitou suas teses e acolheu seus conhecimentos aprimorando o pensamento do mestre e indo um pouco além dele. Malebranche abordou o problema do conhecimento e sua causalidade.

A cerca do conhecimento humano, Descartes chegou à conclusão de que o mesmo é inato, mas não esclareceu. Quanto à relação de corpo e alma, o pensamento de Descartes era pouco satisfatório. Segundo Batista Mondin: “De um lado, parecia excluí-la, afirmando que alma e corpo duas substâncias completas totalmente diferentes, enquanto de outro, a admitia explicitamente, dizendo que entre ambos existe um nexos causal” (MONDIN, 1981, p.76).

Sobre o inatismo Malebranche não se baseia nem na visão platônica, que prega reminiscência da alma nem na visão agostiniana que aponta a privação do homem de sua atividade própria. O único inatismo aceito por Malebranche é o ontológico ao afirmar que vemos as ideias no próprio intelecto de Deus, visto que temos intuição. “As idéias que nos representam as criaturas nada mais são que perfeições de Deus, que correspondem a essas mesmas criaturas e as representam”. (REALE; ANTISERI, 2003, p. 396).

Assim como pensava Descartes, Malebranche também acreditava em duas substâncias distintas: Seria a extensão e a outra a razão. Acreditava ele que os

seres criados não tinham capacidades causais e que dependiam de Deus, visto que era a única fonte de todas as causas. Com o pensamento de Malebranche, podemos perceber que a liberdade do homem estava sujeita à determinação de Deus. Sendo assim, todas as atividades do homem dependem de Deus para causar estímulos. Por meio desta visão ocasionalista, Malebranche procura mostrar que só Deus tem poderes causais. Desta forma, a *res cogitans* e a *res extensa* não interagem, elas dependem de Deus para que aconteça algo, os eventos da *res cogitans* e da *res extensa* são apenas causas para Deus agir. Diferente de Descartes, Malebranche mostra um homem mais autônomo em relação à racionalidade.

O dualismo de Descartes sobre o corpo e a alma trazia grande dificuldade para seus seguidores. Nicolas de Malebranche apresenta que a alma humana está unida a Deus, mas para ela reconhecer esta verdade é necessário que se liberte do erro. Este nasce quando atribuímos aos corpos às qualidades sentidas empiricamente. Na visão dele os sentidos não têm funções cognitivas, mas apenas função prática, que nos adverte os sentimentos de prazer ou dor. Malebranche afirma quatro tipos de conhecimentos:

Primeiro, o conhecimento das coisas em si mesmas; segundo, das coisas em suas idéias; terceiro, conhecimento por consciência ou por sentimento interior; quarto conhecimento por conjectura. Conhecemos somente a Deus em si mesmo, conhecemos os corpos em suas idéias, conhecemos as almas dos outros homens por conjecturas. (ROVIGHI, 1999, p. 170).

Outro cartesiano que ajudou a esclarecer o argumento da *res cogitans* e da *res extensa* foi Espinosa, tido como um dos cartesianos mais radicais. Ao negar a diferenças entre a *res cogitans* (substância pensante) e a *res extensa* (objetos corpóreos), afirma que Deus, o homem e o mundo físico faziam parte de uma mesma substância, estabelecendo assim um sistema metafísico próximo do panteísmo. Resume assim as duas substâncias, *res cogitans* e *res extensa* em uma única, na qual o pensamento e a extensão teriam as mesmas propriedades. Diz ele: "A substância não pode ser produzida por outra substância; por conseguinte, será causa de si mesma, isto é, a sua essência envolve necessariamente a existência, ou, por outras palavras, o existir pertence à sua natureza". (ESPINOSA, 1983, p.81).

A concepção de Espinosa é uma doutrina contrária tanto às concepções dualistas quanto pluralistas, seu sistema consiste no monismo panteísta. Segundo

esta maneira de ver de Espinosa as propriedades fundamentais da substância são obtidas analiticamente. Acreditava que só era possível harmonizá-la com a noção de Deus, isto consistiria na unidade da substância. Tudo isto não seria outro que a passagem do dualismo cartesiano para monismo imanentista.

Espinosa tem uma visão que o pensamento e o corpo não são duas substâncias diferentes entre si, mas são dois atributos da mesma substância, a saber, Deus. Desfaz o problema dualista que separava um do outro. Em sua visão, ambos interagem, não sendo mais duas coisas distintas e sim a mesma coisa que, ora se atribui à extensão ora ao pensamento. Este pensamento de Espinosa tem de certa forma um princípio de paralelismo, pois se há uma relação de corpo e razão, ou ambos são a mesma coisa ou então o que acontecer com o corpo poderá acontecer com a razão.

A mente humana é simplesmente parte do intelecto infinito de Deus e consiste, em primeiro lugar e acima de tudo, da ideia de uma coisa existente, isto é do corpo humano. Outras coisas são percebidas na medida em que afetam o corpo humano. Daí a solução de Espinosa para o problema corpo e mente é que ambos estão essencialmente ligados, uma vez que o último é simplesmente o objeto das ideias que constituem o primeiro. Se colocarmos a coisa dessa maneira, estamos, naturalmente, limitando nossa atenção ao que são, de fato, modos de uma mesma substância e, nessa conformidade, estamos focalizados suas relações. Sub specie aeternitatis, como às vezes Espinosa as coloca, elas são simplesmente aspectos paralelos da mesma coisa. (COTTIGHAM, 1987, p. 102).

A realidade, na visão de Espinosa é como um sistema único em que as partes rementem para o todo encontrando nele sua justificativa e fundamento. Este sistema é denominado por ele de Deus ou natureza. Esta substância infinita, possui infinitos atributos dos quais conhecemos dois são eles: o pensamento (*res cogitans*) e a extensão (*res extensa*). Segundo Espinosa: "Com efeito, a idéia de cada coisa causada depende do conhecimento da causa de que ela é feito". (ESPINOSA, 1983, p. 139)

Apesar da obra de Espinosa ter ficado esquecida durante quase um século depois de sua morte, ela foi revivida e tratada com veneração pelos românticos. Embora tenha sido o primeiro filósofo a seguir Descartes, Espinosa repudiou o dualismo cartesiano, este repúdio se torna ortodoxia no século XX, mas não antes. Espinosa foi o primeiro grande filósofo a afirmar o direito a liberdade de expressão antes mesmo de Locke. Na visão de Descartes a felicidade anda unida à liberdade e

acompanhando assim o domínio das paixões que escraviza o homem. Espinosa expõe o problema da liberdade, na mesma visão de Descartes, busca interagir liberdade e felicidade. Na visão de Espinosa: "A liberdade não consiste na possibilidade absurda de romper a ordem natural, mas no seu conhecimento cada vez mais profundo e amplo, e na sua aceitação racional". (CORDON, MARTINEZ, 1995, p. 72).

Enquanto isto Leibniz, um dos grandes sucessores de Descartes, baseia sua doutrina na "harmonia preestabelecida" da realidade por obra divina. Leibniz nega a interação de mente e o corpo, negando também que Deus seja a causa de tudo, como afirmara Malebranche no ocasionalismo. Sua filosofia passou a argumentar que todas as verdades competem a dois tipos lógicos: as verdades de fato e às verdades de razão.

Leibniz reforça que ou temos de examinar os fatos a fim de descobrir se uma declaração particular é verdadeira ou falsa, ou podemos fazer isso sem examinar os fatos, caso em que a declaração seja verdadeira ou falsa em virtude do uso que faz de seus próprios termos. Como podemos determinar a verdade de declarações do segundo tipo analisando-as sem ter de olhar fora delas, elas ficaram conhecidas mais tarde na história da filosofia como "proposições analíticas". O outro tipo ficou conhecido como "proposições sintéticas". Ambos os termos são hoje de uso comum. (MAGEE, 2000, p. 98).

As verdades provenientes da razão são verdades analíticas, ou seja, basta olhar o sujeito da proposição para concluir o predicado. Segundo o pensamento de Leibniz as verdades de razão baseiam-se no princípio de contradição, bastando que o universal seja universal e o particular seja particular para que a proposição seja verdadeira. A este princípio Leibniz denominou como razão suficiente, que estabelece que tudo existe ou acontece tem uma razão para existir ou acontecer. Conforme Leibniz, para tudo existe uma razão porque é o caso. Se a verdade em pauta for analítica, ela poderá ser provada sem referência as realidades externas sejam pela demonstração lógica ou matemática ou por outra forma de argumento dedutivo. Se a verdade for sintética, envolvendo um estado de coisa factual, então as razões suficientes serão causas físicas que tiveram a consequência de provocar esse particular das coisas. Para ele oferecer explicação de algo significa explicar a razão suficiente. Essa formulação ajudou pesquisadores no chamado princípio metodológico.

O racionalismo cartesiano e o empirismo inglês desembocam no iluminismo inglês do século XVII. Através de Leibniz, Descartes, Espinosa e Malebranche houve muitas mudanças para o conhecimento científico no mundo e na sociedade que puderam ser vistas. O dualismo de substâncias que teve seu ápice na modernidade não foi completamente esquecido, mesmo com o avanço da neurociência o dualismo não foi descartado. Passando assim a existir novas formas de dualismo que apareceram na idade contemporânea como a filosofia da mente que busca explicações sobre a fonte do pensamento e a descobertas de novas tecnologias.

3.2A importância do pensamento cartesiano acerca da racionalidade do homem no mundo contemporâneo.

O século XIX foi marcado por grandes convicções em todos os seus âmbitos. Muitos filósofos estavam confiantes no poder da razão, os cientistas entusiasmados com os avanços tecnológicos, os capitalistas radiantes com as vantagens da expansão industrial, e o romantismo alegre pela valorização da pátria e os socialistas discorrendo a construção do socialismo. Parecia que o mundo estava em constante progresso, mas com o advento do século XX, poucas destas convicções se sustentaram que, por este motivo, foi caracterizado como a época das incertezas.

O período contemporâneo é marcado como o período no qual o homem tem uma visão de progresso, como afirmara Hegel: "A história é a realidade, que a razão, a verdade e os seres humanos são necessariamente históricos" (CHAUI, 2003, p.50). No século XX, houve uma mudança no pensamento da história, enquanto se pensava que a história estava em um progresso, a sociedade percebeu e passou a acreditar em uma história descontínua e não progressista, como se pensava anteriormente. Com o avanço tecnológico o homem toma de posse sua forma mais evoluída, pode-se perceber que esta evolução não trouxe tantos benefícios à humanidade, as guerras, as bombas nucleares etc... Mostraram que a humanidade não avançou tanto na promoção do bem e da vida.

O pensamento cartesiano acerca do racionalismo deu uma grande contribuição à filosofia, levando a questionar-se a cerca da realidade em que vive. Ele que buscou novos conhecimentos que pudessem levar o homem a uma verdade

sólida, não permitisse cair no relativismo nem no emotivo exagerado. Descartes e seus seguidores não ignoram propriamente o emotivo, apenas não crêem que seja seguro este meio para se chegar a uma verdade. A visão de Descartes sobre o homem como ser racional aponta para um homem capaz de usar a razão, de obter um novo conhecimento claro e distinto, mirando a verdade como algo sólido que possa trazer um bem a humanidade e não visando a sua verdade, mais uma verdade universal.

O mundo contemporâneo expressa, com o relativismo (para o qual não há verdade universal), uma crise racional; a razão se torna obscura, diante de uma complexidade de opiniões, desta forma o homem não consegue firmar sua razão na solidez da verdade. Perante esta tempestade de opiniões e discursos o homem coloca em jogo os valores éticos, morais e até sua própria liberdade, a ponto de se tornar escravo do relativismo e do utilitarismo. Diante desta complexidade se faz necessário que o homem, usando suas faculdades mentais pare um pouco e reflita. Que possa com clareza e distinção proporcionar o encontro consigo mesmo e com os valores éticos, morais e humanos.

Estou certo de que sou uma coisa pensante; mas não saberei também, portanto, o que é requerido para se tornar uma coisa certa? Nesse primeiro conhecimento só se encontra uma clara e distinta percepção daquilo que conheço; a qual, na verdade, não seria suficiente para me assegurar de que é verdadeira se em algum momento pudesse acontecer que uma coisa que eu concebesse tão clara e distintamente. E, portanto, parece-me que já posso estabelecer como regra geral que todas as coisas que concebemos mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras. (DESCARTES, 1973, p. 109).

No século XX surgem vários questionamentos a cerca da mente e do cérebro, destes questionamentos surge à filosofia da mente como disciplina filosófica, tentando compreender o que seria a mente. O problema mente-cérebro, apresentado como questão filosófica por Descartes no século XVII, nunca esteve tão presente quanto hoje. Esta filosofia da mente se encontra de uma forma muito parecida com a concepção tradicional, pois agrupa movimentos dualistas e monistas.

Descartes foi o primeiro a fazer uma divisão entre mente e corpo, evidentemente outros filósofos naturalistas também tenham abordado sobre assunto, mas foi a filosofia cartesiana que reacendeu este debate que atravessou dois pontos de vista diverso: o monismo e o dualismo. O monismo é a forma de

pensamento no qual se afirma que só existe uma substancia no universo. Nesta visão os fenômenos mentais são iguais aos fenômenos físicos. O dualismo no qual Descartes aderiu, expõe que a mente e a matéria tem propriedades diferentes. Por exemplo, um pedaço de matéria poderia ser dividida, mas o pensamento não dar para se dividir. Mesmo usando a segunda regra do método que diz: "(...) dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las". (DESCARTES, 1973, p.45). Esta divisão de Descartes seria pegar as idéias mais complexas e ir simplificando-o em partes, mas cada uma delas será sempre uma unidade indivisível.

A filosofia da mente se difere da tradicional no sentido que não se restringe somente em análise conceitual, tendo assim uma abertura valida também para ciências empíricas a fim que possa colaborar a desvendar a natureza mental ou racional. Neste período surgem dois grandes movimentos científicos que interessam aos filósofos da filosofia da mente que seria: "a inteligência artificial, que quer produzir maquinas pensantes, e a neurociência, que quer fotografar a consciência através da utilização de modernas tecnologias de neuroimagem". (AIUB, MOLINA, 2010, p.7).

Os assuntos debatidos hoje acerca do homem como ser pensante a busca de um saber que o leve a conhecer o que se passa dentro de seu cérebro, a visão cartesiana são bem presentes. O próprio Descartes vê a matéria numa visão mecanicista e dualista, assim também tem este mesmo pensamento as temáticas da neurociência e a filosofia do mundo. O pensamento cartesiano não caiu no esquecimento, mas no decorrer dos séculos foi se amadurecendo e mostrando-se presente no mundo contemporâneo como falara André Sather Guimarães, no seu artigo "o homem de seis mil dólares", aborda "a mistura crescente entre humanos e máquinas a partir de uma perspectiva da chamada parabióse, que hoje é também considerada a novíssima fronteira da inteligência artificial" (GUIMARÃES, 2010,p. 23).

Com esta evolução apresentada e esta visão mecanicista nos questionamos: onde fica o valor da pessoa humana e sua dignidade? A visão mecanicista de Descartes não resume o homem sendo a máquina robótica, apresentado por André Sather, mas um homem como ser autônomo, livre, capaz de pensar e atingir seus objetivos, como o próprio Descartes afirma em sua primeira meditação: "Agora, pois, que meu espírito está livre de todos os cuidados, e que consegui um repouso

assegurado numa pacífica solidão, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade em destruir em geral todas as minhas opiniões". (DESCARTES, 1973, p. 93).

Com o avanço destas novas tecnologias em que se cria uma "inteligência artificial" Descartes ignora esta posição haja vista ter sido debatida no seu tempo. Porém, já alguns cientistas de sua época falavam da construção de autômatos e questionavam se um dia poderiam eles vir a ter consciência. A esta incógnita Descartes afirmava que por mais que se aperfeiçoassem os autômatos eles nunca poderiam chegar a ter uma vida mentalmente parecida com as dos seres humanos. Para Descartes o pensamento é algo imaterial. Sobre este tema ele começa com a dúvida hiperbólica a fim de se chegar à afirmação: "Eu penso logo existo". (DESCARTES, 1973, p. 54).

Por mais que se busque compreender a mente através da tecnologia a consciência humana é um mistério tanto para ciência como para filosofia. A inteligência artificial, que se baseia em fazer robôs com comportamentos semelhantes ao comportamento humano, jamais poderá leva-los à linguagem do humano pelo fato de não possuírem racionalidade e sensibilidade.

Como vimos, o pensamento cartesiano não é ultrapassado como se possa imaginar. Ele tem uma grande importância, tanto na idade moderna, como no período contemporâneo, pois o dualismo e o monismo da *res cogitans* e da *res extensa* são temas abertos que até hoje, são abordados e discutidos, mostrando sua amplitude e sua importância, não só teoricamente, mas também na prática, como se pôde perceber. Por mais perfeitas que sejam as máquinas, jamais elas poderão ter a racionalidade que um ser humano tem, diante do mundo.

Mesmo com esta visão de mundo, hoje percebemos certas limitações, o método geral desenvolvido por Descartes ainda é muito útil na abordagem de problemas intelectuais. O pensamento cartesiano possibilita uma notável clareza de pensamento, o qual nos permite questionar sobre diversas questões acerca da realidade que vivemos. Este ponto está interligado com a celebre frase de Descartes em seu método "penso logo existo". Esta frase representou na sua época um desafio ao pensamento escolástico e hoje nos representa a importância do homem no mundo e sua autonomia na história.

CONCLUSÃO

Pelo que foi apresentado neste trabalho, verifica-se que Descartes acreditava que para se chegar ao conhecimento era necessário começar de um ponto de partida que aos poucos o pensamento vai evoluindo até chegar a verdade o qual tanto buscava. Em sua visão, o homem deve buscar respostas para suas expectativas através da razão. A partir desta concepção Descartes deu início as suas pesquisas e descobriu que para considerar algo como verdadeiro era preciso que houvesse clareza e distinção do conhecimento que nos é apresentado. Deste ponto de vista Descartes, assumiu como regra de seu conhecimento a clareza e a distinção das coisas, e passou a duvidar de tudo até chegar ao conhecimento que ele considerou como verdadeiro ou pensamento puro, no qual o homem se encontra como ser pensante. Se duvido penso e se penso existo assim expressou "*cogito ergo sum*": penso logo existo. Descartes deslocou o pensamento voltado para Deus para o homem individual.

Diferente dos filósofos antigos e medievais, que tinham uma visão física e escolástica formada, Descartes procurou reformular seus próprios pensamentos, sua intuição era solidificá-los. Reconstruiu assim seu edifício filosófico, tomou como base as regras do método que consistem em não assumir nada obscuro, dividindo os problemas em partes, fazendo assim uma síntese, começando pelos mais simples até chegar aos mais complexos e enumerando-os a fim de que nada se perca.

A primeira regra fundamental foi denominada pela clareza e distinção do que é verdadeiro e do que é falso. Esta regra é simultânea às outras três. Em qualquer distinção das idéias, devem-se averiguar duas exigências indispensáveis que são a clareza e a distinção, para se aceitar algo como verdadeiro.

A segunda regra está intimamente ligada à terceira, trata de dividir as questões mais complexas por partes. Nesta regra, Descartes destaca a importância da análise como condição prévia para síntese e a dedução.

A terceira regra trata de recompor a ordem ou cadeias de raciocínios que se desenvolvem do simples até o mais complexo, ou seja, verificar individualmente cada detalhe do pensamento para se ter uma visão de cada parte focalizando nossa atenção mental em apenas uma por vez.

A quarta regra enumera tudo afim que não se perca nada, esta enumeração se dar através da investigação de todos os pontos relacionados ao problema

examinado. Esta listagem ordenada apresentada por Descartes facilita a mente para dar a devida atenção a cada possibilidade.

Com relação às regras do método, a verdade é uma consequência da distinção, de nosso interesse, como o próprio Descartes afirmou: "(...) Jamais acolher alguma coisa verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida". Desta maneira, não existem formulas prontas para se encontrar a verdade, mas é necessário trilhar um longo caminho que exige esforço racional a fim de poder encontrá-la.

A *res cogitans* e a *res extensa* apresentados por Descartes como dualismo, trouxe consigo vários questionamentos, destes seus contemporâneos como: Malebranche (com o pensamento ocasionalista), Espinosa (discordando deste pensamento de substância, afirmando que a *res cogitans* e a *res extensa* são uma só e não duas havendo, assim, uma interação), Leibniz (que estabelece uma "harmonia preestabelecida" negando esta interação de corpo e mente) até os filósofos dos séculos XIX e XX.

Com o mundo contemporâneo, pudemos perceber a complexidade de pensamento que é apresentado ao homem, à supervalorização do sentimentalismo e a crise da razão. Não se está negando aqui que o sentimentos não seja importante, apenas estamos analisando a racionalidade e sua importância no convívio social. O contexto contemporâneo é tido como o do pensamento progressista, no qual tudo está caminhando para o progresso, mas infelizmente o homem percebe que não é bem assim, daí entra em crise a razão e o homem busca apoio no relativismo e no utilitarismo.

É nestas condições que se encontra o homem contemporâneo, as investigações filosóficas e científicas a cerca da mente-cérebro, inovaram as investigações cartesianas a cerca do corpo e da mente. O pensamento se volta agora para criar uma inteligência artificial, ou seja, criar robôs que expressem as mesmas habilidades humanas. Uma visão muito futurista pois mesmo que tenhamos máquinas eficientes, jamais poderiam elas ter esta capacidade racional de pensar e intuir razões para sua subsistência. Em suma as regras do método são meios que levam o homem, como ser pensante, a buscar a verdade através de caminhos traçados pela dúvida até que se possa ter a clareza e a distinção das coisas.

REFERENCIAS

- AIUB, Monica; MOLINA, Suely. **Limites em expansão. Filosofia da mente**, São Paulo, ano1,n. 3, p.6-11. Filosofia especial.
- CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- COTTHINGHAM, John. **Dicionário Descartes**. Tradução de Helena Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de J. Guinsburg; Bento Prado Junior. In: Os pensadores. São Paulo: Abril,1973.
- FILHO, Raul Landim. **Evidencia e verdade no sistema cartesiano**. São Paulo: Loyola, 1992.
- GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Historia essencial da filosofia**. São Paulo: Universo dos livros, 2010. 3 v.
- LEFRANCE, Yvon. Universidade católica. **O discurso do método de René Descartes**. São Paulo: v.24. 391-431, set- dez. 1996.
- LEWIS, Geneviève Rodis. **Descartes uma biografia**. Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo: Record,1996.
- LINS, Ivan. **Descartes época, vida e obra**. 2 ed. Rio de Janeiro: São José,1964.
- MARQUES, Jordino. **Descartes e sua concepção de homem**. São Paulo: Loyola, 1993.
- MONDIN, Batista. **Curso de filosofia**. 7ed. São Paulo: Paulus, 1981. 2 v.
- RABUSKE, Edivino A. **Antropologia filosófica**. 10 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **Descartes: "o fundador da filosofia moderna"**. In: _____ Historia da filosofia. 6 ed. São Paulo: Paulus, 2003. 2 v. p. 249- 387.
- ROVIGHI, Sofia Vanni. **Historia da filosofia moderna da evolução científica ate Hegel**. 2 ed. Tradução de Marcos Bagno; Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2000.

SKIRRY, Justin. **Compreender Descartes**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

VAZ, Henrique C. de Lima. **A sabedoria cartesiana**. In _____ Escritos de filosofia IV: Introdução à ética Filosófica 1. São Paulo: Loyola, 1999.

VILELA, Orlando. **Iniciação filosófica**. 3 ed. São Paulo: Itatiaia, 1974.